

Fernando Molica

Verbos cansados, mas vivos

Os personagens de “Os verbos estão cansados” (Patuá), livro de contos de Alexandre Brandão, parecem ter sido encontrados por acaso pelo autor, no meio de um dia, de uma fuga, de uma briga, de uma transformação, de um susto, de um crime, de um porre em Lima.

É como se o escritor tivesse esbarrado com eles, num bar, numa esquina, num quintal, num canto de casa, e, por alguns instantes, captasse conversas, confissões e, sabe-se lá como, pensamentos.

Os personagens têm histórias concisas, ainda que algumas se alonguem por toda uma vida que tenha seguido meio arrastada por aí, sem eira, beira ou saída, passadas num país um tanto quanto esgotado de si.

Quase todos parecem em busca de um destino, de uma alternativa. Alguns tentam equacionar um passado que insiste em retornar como o pai que, morto, torna-se ainda mais ansioso que em vida, ou a mãe que não para de se suicidar.

Há o homem que se vê obrigado a fugir da fama de herói que considera injusta, resultado do gesto abrupto que cometera, o de matar um assaltante. Antes tivesse continuado a viver entre as frutas feitas geleias e as flores bem-arranjadas — uma combinação que seria desarrumada pelo tiro e pela notoriedade.

Isildinha, Dora — que detesta seu nome que carrega a palavra dor —, Estefânia, Nani, Cacá, Enzo: todos aparentam algum tipo de cansaço naqueles instantes em que acabam flagrados pelo autor.

Há os que se assustam como Ângela, aquela que tenta negar o próprio espanto, ou como a menina surpreendida por algo que, naquele momento, não sabe definir — discreto, o escritor evita maiores especulações e violações de intimidade.

Um dos grandes méritos do livro é o de fugir da onisciência, como se Brandão admitisse sua incapacidade de saber mais de suas criaturas do que estas julgam conhecer de si mesmas. Elas ficam em suas histórias: pensam, deliram, agem; e ele nos conta o que sabe.

Nós, leitores, que tratemos de preencher os vazios de histórias que não caem na escorregadia e impossível tentação de buscar esgotar a vida de quem quer que seja.

Há personagens mais decididos, como a que dispara a própria vida ao acertar um tiro no meio da testa de alguém que encarnava o poder, e o outro que, músico, vai ao céu na carona de Pixinguinha. Os verbos podem estar cansados, mas, de um jeito ou de outro, continuam vivos; encarnam em vidas discretas, severinas e delicadas como um solo de oboé.

Tales Faria

PSD de Caiado excluiu aliados; Freire avisa que não o apoiará

Ex-presidente nacional do partido Cidadania, o ex-deputado Roberto Freire é um dos poucos sobreviventes da grande geração de políticos brasileiros responsável pela redemocratização do país.

Foi vice-líder no MDB de Freitas Nobre e de Ulysses Guimarães e também líder dos governos Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso.

Um comunista histórico e expoente da esquerda brasileira, Roberto Freire foi eleito como deputado federal por cinco mandatos pelo MDB, pelo PCB, PMDB, PPS e Cidadania, aí já como ex-comunista. Em 1994, fez-se senador por Pernambuco, sempre com atuação destacada no Congresso.

Nos últimos anos, enfrentou forte oposição no partido e na esquerda por seu enfrentamento ao PT e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Chegou a ser afastado do comando do Cidadania, o que só foi retomado por seu grupo na Justiça, com a eleição de Alex Manente para presidir a sigla.

Defensor histórico de alianças amplas da esquerda, hoje Freire apoia a pré-candidatura a presidente da República do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSD). Nesse caso, tentaria levar seu partido a apoiar Leite, provavelmente com algum sucesso.

O problema é que Eduardo Leite nunca esteve como favorito no PSD para a disputa pelo Planalto. Dos três pré-candidatos da sigla, o escolhido seria o governador do Paraná, Ratinho Junior, que anunciou na segunda-feira, 23, sua desistência de disputar o Palácio do Planalto.

Agora o favoritismo no partido recai sobre o governador de Goiás, Ronaldo Caiado. E Roberto Freire vai avisando: “Com Caiado

candidato, teremos uma direita até mais reacionária do que um bolsonarismo com o Paulo Guedes de primeiro-ministro.”

Ou seja: não dá!

“Se for Caiado, não votarei por não ter opção. Estarei escudado ainda mais na idade que dispensa o voto, pois farei 84 anos em abril. Na verdade, vou cuidar da [re]eleição da governadora Raquel Lyra (PSD), em Pernambuco, e deputados federais do Cidadania”, diz Freire.

E seu partido, como fica?

“Nada acertado. Talvez por liberar o voto, ou seguir o PSDB [com quem a sigla mantém uma federação partidária] em uma candidatura olímpica”, especula o dirigente.

“Candidatura olímpica”, para quem não sabe, é uma expressão antiga da política aplicada a quem participa das competições apenas por participar. Não para valer. Tinha também a conotação de candidatura que não era profissional, mas sim, amadora.

Quer dizer que, se Ronaldo Caiado for escolhido como candidato do PSD, ele já entra na disputa excluindo possíveis aliados. Com o sério risco de se tornar, ele próprio, uma “candidatura olímpica” sem apoio nem mesmo em seu partido, já dividido na maioria dos estados entre Lula e o candidato do PL, senador Flávio Bolsonaro (RJ).

Quanto ao Cidadania, também deverá ficar rachado. Mais do que já está. O presidente do partido, Alex Manente, não tem a zelar o passado de esquerda de Roberto Freire. Deverá seguir com Flávio Bolsonaro contra a vontade dos ex-comunistas que ainda restam na sigla.

A decisão está nas mãos do presidente do PSD, Gilberto Kassab. Deverá ser tomada nesta semana.

EDITORIAL

Quando o cuidado à saúde adocece

A suspensão dos atendimentos no Centro de Saúde Centro, em Campinas, não é um episódio isolado. É o sintoma mais visível de um sistema que vem sendo tensionado há anos e que, agora, dá sinais claros de esgotamento. Quando profissionais de saúde afirmam que trabalhar deixou de ser prestar assistência para se tornar um exercício de sobrevivência, é preciso interromper o ruído cotidiano e prestar atenção.

Os relatos de agressões físicas, assédio e destruição de equipamentos dentro de uma unidade básica são, por si só, alarmantes. Mas se tornam ainda mais graves quando inseridos em um contexto de falta crônica de médicos, equipes incompletas e superlotação. No caso do CS Centro, três das cinco equipes estão sem médico de referência, deixando milhares de pessoas sem acompanhamento regular. A conta não fecha — e quem paga são trabalhadores e usuários.

A sobrecarga não é apenas operacional; é também emocional. Ambientes de saúde exigem confiança, vínculo e estabilidade mínima para funcionar. Sem isso, o que se instala é um ciclo de tensão: filas aumentam, o tempo de espera cresce, o atendimento se fragiliza e o conflito se torna mais provável. A violência, nesse cenário, não surge do nada, ela é alimentada por uma estrutura que falha em dar respostas.

Também chama atenção a ausência de condições básicas de segurança. A falta de vigilância

adequada, de rotas de fuga e de preparo para lidar com situações de crise expõe todos os presentes a riscos evitáveis. Não se trata apenas de proteger patrimônio, mas de garantir a integridade de quem trabalha e de quem busca atendimento.

A carta dos servidores é contundente ao apontar que os pedidos de reforço de equipes e melhorias estruturais não são novos. Isso reforça a percepção de que há, no mínimo, uma demora injustificável na resposta do poder público. A gestão da saúde exige planejamento, investimento e capacidade de antecipação, não apenas reação quando o problema já se tornou insustentável.

É fundamental reconhecer que a paralisação não é dirigida contra a população. Ao contrário, ela revela um limite. Profissionais exaustos e inseguros não conseguem oferecer o cuidado que a comunidade merece. Ignorar esse alerta é comprometer ainda mais a qualidade do serviço e aprofundar a crise.

O que ocorre no CS Centro deveria servir como ponto de inflexão. Não apenas para resolver uma unidade específica, mas para repensar as condições de funcionamento da atenção básica no município. Garantir equipes completas, estrutura adequada e segurança não é reivindicação excessiva, é o mínimo necessário para que o sistema cumpra sua função.

Quando o cuidado adocece, toda a cidade sente. E quanto mais se adia o tratamento, mais alto será o custo.

Opinião do leitor

Lava-Pés

O papa Francisco mudou a tradição de séculos que permite apenas homens na cerimônia de Lava-Pés, realizada durante a Quaresma. Agora, os padres poderão escolher os participantes do rito “entre todos os membros do povo de Deus” - ou seja, mulheres também.

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.